

A ORDEM INTERNACIONAL E O EFEITO DA GLOBALIZAÇÃO EM FACE À EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

International Order and the Effect of Globalization in the Light of Technological Progress

Nilton Lopes da Silva Gomes¹

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo apresentar as tendências teóricas que (re)configuram a Ordem Internacional no mundo pós-moderno. A Ordem Mundial enfrenta desafios com a crescente desigualdade econômica, potências capitalistas demonstrando sinais protecionistas e a defesa de nacionalismo, a qual perpassa a ideia de globalização. Nesse trabalho, utilizou-se procedimento metodológico de caráter qualitativo, tratando-se de uma pesquisa exploratória realizada através de materiais relacionado ao tema. Concluiu-se que o avanço tecnológico e a globalização impactam a Ordem Internacional, com a premissa construtivista multipolar sob valores culturais, religiosos, ambientais e direitos humanos.

Palavras-chave: Globalização; Ordem Internacional; Tecnologia.

INTRODUÇÃO

A Ordem Internacional (OI) é conhecida como estratégia para manter o equilíbrio de poder entre os Estados nas suas barganhas em diversas áreas, tais como política, econômica, comercial, social, cultural e, ainda, diplomática. O mundo manteve-se dividido, durante séculos, pelas disputas de diferentes interesses na orientação das normas globais. As condições que caracterizam a Ordem Internacional possuem um processo histórico, no qual se inserem elementos evolutivos. Na perspectiva

¹ Mestrando em Segurança Internacional e Defesa (PPGSID) na Escola Superior de Guerra (ESG) – Rio de Janeiro. Graduado em Humanidades e Relações Internacionais pela UNILAB – Ceará | Bahia. E-mail: niltonlsgomes@gmail.com

de Góes (2007), a transformação da OI encontra-se classificada em três grandes categorias da evolução das ordens jurídicas internacionais. Sendo assim, o autor aponta (1) a ordem eurocêntrica, marcada pela formação da sociedade internacional com a assinatura do Tratado de Paz de Westfália, nas cidades alemãs de Münster e Osnabrück, em 1648. Esse Tratado confirmou o fim da guerra de trinta anos, motivada pelo conflito religioso. Em vista disso, o autor afirma que outros eventos, como o Congresso de Viena de 1815 e o Tratado de Versalhes, em 1919, que deram origem à formação da Liga das Nações, posteriormente definida como Organização das Nações Unidas (ONU), configura-se como o primeiro passo da OI; (2) a ordem internacional bipolar, que foi registrada pela realização da Conferência de Yalta e de Potsdam em 1945, que dividia a geopolítica do mundo e definiu o direito de veto dos membros permanentes. A ordem bipolar foi marcada pelo confronto da expansão e a contestação estadunidense. Por fim (3), a nova ordem pós-moderna teve início com um grande evento que beneficiou o sistema capitalista, ou seja, a queda do Muro de Berlim. A partir dessa evolução, a OI transmite influências de novas áreas para a exploração de poder, como a área tecnológica e a segurança.

Nesse contexto, levanta-se a seguinte questão: como a evolução tecnológica e a globalização impactam a Ordem Internacional? Logo, partimos da hipótese de que a evolução tecnológica e o processo de globalização tendem a (re)configurar o mundo pós-moderno nas trocas comerciais e interações culturais movidas no ambiente virtual.

A finalidade deste ensaio é identificar as tendências para uma nova Ordem Internacional, mediante registro de grandes eventos no Sistema Internacional. Para alcançar esse objetivo, optou-se pelo procedimento metodológico de caráter qualitativo, com base na pesquisa exploratória das matérias relacionadas à temática. A pesquisa encontra-se estruturada em duas seções: a primeira visa apresentar evolução histórica da OI, na perspectiva teórica aprofundada; a segunda, aborda a dinâmica da globalização e o avanço das novas tecnologias associadas à nova Ordem Internacional.

ORDEM INTERNACIONAL: DISCUSSÃO TEÓRICA

A Ordem Internacional tem sido marcada nos debates e nos estudos de Relações Internacionais (RI), principalmente no presente século (XXI), no qual vários estudiosos analisam as suas mudanças no Sistema Internacional. Após 1945, a Ordem Mundial derivou-se do conflito ideológico entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) com a imposição dos seus valores para o mundo. Ao final da Guerra Fria, os EUA tornaram-se

uma hegemonia global e passaram a ditar regras, contando com apoio dos seus aliados na Europa (Alemanha, França e Grã-Bretanha). Nye (2019) considera tal fato como Ordem Internacional Americana ou Ordem Internacional Liberal, tendo em vista que os Estados Unidos da América haviam se tornado a maior economia mundial, permitindo-se ter condições militares para o equilíbrio do poder. Nesse sentido, a Ordem Global, até o presente momento, permanece sob o domínio da ideologia capitalista. Com a derrota da União Soviética, o filósofo e economista político norte-americano, Francis Fukuyama, publicou o artigo *The End of History* (O Fim da História) em 1989, logo após a queda de Muro de Berlim, conforme Góes (2007). Para Fukuyama (1989), o “Fim da História” compreendia que as democracias liberais e o livre capitalismo de mercado sinalizavam o fim da evolução sociocultural da humanidade. Neste caso, todo o ocidente e o resto do mundo deveria seguir o modelo econômico cultural dos Estados Unidos da América. O autor afirmava, ainda, que “o Estado que surge no final da história é liberal, na medida em que reconhece e protege, por meio de um sistema de leis, o direito universal do homem à liberdade e à democracia, na medida em que existe, somente, com o consentimento dos governados” (Fukuyama, 1989, p. 5)².

Isto posto, poucos anos mais tarde, Samuel P. Huntington – também cientista político norte americano – contestou o argumento de Fukuyama (1989), na sua obra intitulada por *The Clash of Civilizations* (Choque de Civilizações). Para Huntington (1993), a política mundial apresenta um padrão de conflitos em torno das rivalidades tradicionais entre os Estados-Nação e seus declínios, pelo fato de se tornarem influenciados pela hostilidade do tribalismo e globalismo.

Minha hipótese é que a fonte fundamental de conflito nesse novo mundo não será, primordialmente, ideológica ou econômica. As grandes divisões entre a humanidade e a fonte dominante de conflito serão culturais. Os Estados-nação continuarão sendo os atores mais poderosos nos assuntos mundiais, mas os principais conflitos da política global ocorrerão entre nações e grupos de diferentes civilizações. O choque de civilizações dominará a política global. As linhas de falha entre as civilizações serão as linhas de batalha do futuro (Huntington, 1993, p 22)³.

Portanto, com o efeito da globalização e a evolução tecnológica, estudos apontam que no presente século o mundo caminha para uma nova Ordem Mundial. Para Colgan e Keohane (2017), a

² *The state that emerges at the end of history is liberal insofar as it recognizes and protects through a system of law man’s universal right to freedom, and democratic insofar as it exists only with the consent of the governed* (Fukuyama, 1989, p 5).

³ *It is my hypothesis that the fundamental source of conflict in this new world will not be primarily ideological or primarily economic. The great divisions among humankind and the dominating source of conflict will be cultural. Nation states will remain the most powerful actors in world affairs, but the principal conflicts of global politics will occur between nations and groups of different civilizations. The clash of civilizations will dominate global politics. The fault lines between civilizations will be the battle lines of the future* (Huntington, 1993, p 22).

Ordem Liberal está sendo manipulada, devido a alguns sinais da decadência de liderança global Norte Americana apoiada pelos aliados. Atualmente, a China (re)surge como referência econômica no cenário internacional e demonstra sua capacidade no desenvolvimento dos avanços tecnológicos.

As potências mundiais, nomeadamente Estados Unidos da América e Reino Unido, optaram por uma segurança interna, adotando medidas protecionistas. O ex-presidente Barack Obama (EUA), durante seu mandato, demonstrou, em determinados eventos, que o compromisso para a paz e o desenvolvimento no mundo deve ser de responsabilidade não só dos Estados Unidos da América. Donald Trump, no seu mandato, efetivou uma política populacionista sob o slogan *American First* (Primeiro a América), pela qual prioriza os interesses estadunidenses. Por outro lado, desvinculou-se do Acordo de Paris, segurando a economia. O Reino Unido também decidiu expressar a sua retirada da União Europeia (UE) a partir do Brexit, pelas mesmas razões, ou seja, de manter a segurança nacional em termos políticos e econômicos. Na perspectiva de Layne (2018), “o hegemom econômico mundial é responsável por estabelecer as regras para a ordem econômica internacional” e apoiar outras nações em diversas necessidades, ou seja, de manter a manutenção da paz, ainda que seja por meio da intervenção militar, como defendem os realistas, e promover estabilidade no funcionamento da economia internacional. Nesses indícios de deixar compromissos multilaterais ou de apostar na política externa, Boyle (2016) aponta que “o desafio enfrentado pelo liberalismo é muito maior que a sensação de exaustão e desilusão que permeia a política na Europa e nos EUA”. Isto se percebe na perspectiva da política internacional constatada nas falhas da democracia liberal, em que as referidas potências interferem na política doméstica dos países para transformá-los na Ordem Internacional Liberal (Mearsheimer, 2019; Fiori, 2007). Retomando a discussão referente à economia, percebe-se a ascensão da China, propondo desafios à Ordem Global existente por meio da aposta no multilateralismo. Por exemplo, a criação de instituição financeira, como o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB), fomentando o crescimento econômico dos países emergentes, tais como a Índia e o Brasil e desempenhando uma função preponderante nas suas regiões. Para Nye (2019), essa mudança apresenta um grande desafio para os Estados Unidos da América. Portanto, na próxima seção será apresentado um breve relato da globalização e a Ordem Internacional numa perspectiva contemporânea, incluindo a tecnologia que, certamente, influencia a mudança do paradigma tradicional.

GLOBALIZAÇÃO E TECNOLOGIA

O processo da globalização construiu-se ao longo do tempo, relacionado à megaeventos mundiais. O século XV foi marcado pelas Grandes Navegações e Descobertas Marítimas, em que as potências ocidentais buscavam expandir seus poderes. Na sequência, verificou-se a evolução da globalização no século XVIII, que teve avanço com a Revolução Industrial. Em 1945, após a 2ª Guerra Mundial e o fim da Guerra Fria (1989), houve a expansão do capitalismo. Por fim, não menos importante, no século XX a Ordem Mundial foi conduzida, profundamente, pela mundialização (Chesnais, 1996). Nesse sentido, o mundo pós-moderno apresentou-se impulsionado pelo avanço tecnológico, trocas comerciais internacionais e, conseqüentemente, enfrenta desafios no uso de ferramentas tecnológicas para propagação das atividades ilegais, como tráfico de drogas, compra e venda de armas e exploração de matérias primas nos países subdesenvolvidos.

Cabe salientar que a globalização se encontra intimamente associada à expansão capitalista, ou seja, a elevação da economia global movida pelo livre comércio e integração econômica entre os Estados (Therborn, 2001). Inicialmente, esta medida neoliberalista surgiu para a restauração e o desenvolvimento dos países ocidentais, especificamente na Europa Ocidental, onde propunha a solução de vários problemas originários das guerras. Posteriormente, a globalização apresentou-se como ameaça e desestabilização econômica na ruptura de fronteira (Chesnais, 1996) e buscava inserção de outros elementos a serem considerados além da economia. Nessa perspectiva, a Ordem Internacional beneficiou as superpotências ocidentais. Por outro lado, conforme cita Huntington (1993), os problemas ligados à questão étnica, religiosa e nacional, continuam sendo desafios para o mundo pós-moderno. Chang (2004) aponta que os países subdesenvolvidos são influenciados pelas potências na adesão de política institucional. Portanto, seria um modelo viável na expansão da liberalização comercial e financeira. Neste sentido, a Ordem Internacional colocou os países do Sul global numa dependência econômica viciosa. Do ponto de vista marxista, a ordem liberal econômica gera (des)igualdade entre os Estados-nação, inclusive nas esferas sociais (Khanna, 2008). No entanto, a globalização perpassa o fenômeno econômico, que assegura o interesse dos países (Therborn, 2001).

O avanço tecnológico configura-se como a quarta revolução no mundo pós-moderno. Verifica-se que o desenvolvimento das novas tecnologias desencadeou uma nova corrida armamentista, correlata durante a Guerra-fria, porém, com o foco no espaço cibernético ou cyberespaço. O espaço cibernético tornou-se palco (in)visível de disputa pelo poder; Estados buscam

obter domínios tecnológicos para avançarem economicamente. Por essa razão, as potências investem no desenvolvimento das ferramentas tecnológicas que permitem alcançar o poder cibernético, o qual apresenta suas (des)vantagens em termo de (in)segurança.

O espaço cibernético intensificou, ainda, as transformações sociais nos mais diversos domínios da atividade humana, novidade que Manuel Castells designou, oportunamente, como sociedade em rede. Isto é, com o ciberespaço constituiu-se um novo espaço de sociabilidade que é não-presencial e que possui impactos importantes na produção de valor, nos conceitos éticos e morais e nas relações humanas. Porém, é sobretudo o ciberespaço, enquanto nova arma e enquanto novo desafio à segurança, que importa. No fundo, trata-se de refletir sobre o seu real papel, bem como conceber conceitos, estratégias, táticas e sistemas para o novo desafio que o ciberespaço coloca à ordem mundial (Rodrigues, 2016, p:14).

Percebe-se que o avanço tecnológico ultrapassa o domínio fronteiriço e representa cenário de guerra não convencional, onde as ameaças para a segurança internacional surgem por meio da utilização de ferramentas virtuais. A China e o Estados Unidos da América manuseiam a disputa comercial com base no desenvolvimento tecnológico, permitindo uma revisão da política internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo conclusivo, observa-se que a Ordem Global no século XXI poderá sofrer mudanças, gradualmente, ao longo do tempo, considerando as tendências das teorias de RI, como a construtivista, defendendo premissas de um sistema internacional multipolar sobre valores culturais, religiosos, ambientais, direitos humanos, dentre outros. A China tem seguido por esse caminho, cooperando com a Rússia, pautando para a segurança regional, expansão econômica e política e de não intervenção nos assuntos internos de outros Estados. Por outro lado, os Estados Unidos da América, demonstram abertura para uma nova Ordem Mundial, tendo em conta o crescimento econômico dos Estados emergentes para representação do Sistema Internacional. Destarte, na medida em que o avanço tecnológico fortalece a economia mundial, transforma a infraestrutura global de trocas comerciais e interação cultural, impulsiona a reforma de processo da globalização sem fronteira, preparada para fomentar a (des) igualdade, conflitos religiosos, ameaças à segurança local, regional e internacional. Portanto, os países ao redor do mundo tendem a aderir a proteção econômica nacional e proporcionar maior integração regional.

REFERÊNCIAS

- BOYLE, Michael J. 'The Coming Liberal Order'. **Survival**, v. 58, n. 2, p. 35-66, 2016.
- CHANG, Ha-Joon. **Chutando a Escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**. São Paulo: Xamã, 1996.
- COLGAN, Jeff D.; KEOHANE, Robert O. 'The Liberal Order Is Rugged – Fix It Now or Watch It Wither'. **Foreign Affairs**, 2017.
- FIORI, José Luís. **O Poder Global e a Nova Geopolítica das Nações**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- FUKUYAMA, Francis. 'The End of History?' **Center for the National Interest**, n. 16, 1989, p. 3-18. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/24027184>>. Acesso em 18 de ago de 2021.
- GÓES, Guilherme Sandoval. 'Geopolítica e Pós-Modernidade'. **Revista da ESG**, v. 23 n. 48, 2007.
- HUNTINGTON, Samuel. 'The Clash of Civilizations?' **Foreign Affairs**, v. 72, n. 3 (Summer, 1993), p. 22-49. Published by: Council on Foreign Relations. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20045621>>. Acesso em 18 de ago de 2021.
- KHANNA, Parag. **O Segundo Mundo**. impérios e influência na nova ordem global. São Paulo: Intrínseca, 2008.
- LAYNE, Christopher. 'The US–Chinese power shift and the end of the Pax Americana'. **International Affairs**, v. 94, n. 1, p. 89-111, 2018.
- MEARSHEIMER, John J. 'Bound to Fail: The Rise and Fall of the Liberal International Order'. **International Security**, v. 43, n. 4, p. 7-50, 2019.
- NYE, Joseph S. 'The Rise and Fall of American Hegemony from Wilson to Trump'. **International Affairs**, v. 95, n. 1, p. 63-80, 2019.
- RODRIGUES, José Conde. 'O Ciberespaço e a Ordem Mundial'. **Observador**, 2016. Disponível em: <<https://observador.pt/opiniao/o-ciberespaco-e-a-ordem-mundial/>>. Acesso em: 06 jan. 2022.
- THERBORN, Göran. 'Globalização e Desigualdade: questões de conceituação e esclarecimento'. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 3, n. 6, jul./dez. 2001, p. 122-169.